

LILLY TURNER / 1933
(Os Amores de Lily)

um filme de WILLIAM A. WELLMAN

Realização: William A. Wellman / *Argumento:* Gene Markey e Kathryn Scola a partir da peça homônima de Philip Dunning e George Abbot / *Direção de fotografia:* James Van Trees / *Direção de arte:* Jack Okey / *Guarda-roupa:* Orry-Kelly / *Maquilhagem:* Emily Moore, Perc Westmore (não creditados) / *Som:* Robert B. Lee (não creditado) / *Maestro:* Leo F. Forbstein, Vitaphone Orchestra / *Montagem:* James Gibbon / *Interpretação:* Ruth Chatterton (Lilly Turner), George Brent (Bob Chandler), Frank McHugh (Dave Dixon), Guy Kibbee (Doc Peter McGill), Robert Barrat (Fritz), Ruth Donnelly (Edna Yokum), Marjorie Gateson (Mrs. McGill), Gordon Westcott (Rex Durkee), Arthur Vinton (Sam Waxman), Grant Mitchell (Dr. Hawley), Margaret Seddon (Mrs. Turner), Mae Busch (Hazel), entre outros.

Produção: First Natinal Pictures (EUA, 1933) / *Direção de Produção:* William Koenig / *Assistência de realização:* Dolph Zimmer / *Distribuição:* First National Pictures, The Vitaphone Corporation / *Cópia:* 16mm (George Eastman Museum), preto e branco, falada em inglês e legendada eletronicamente em português / *Duração:* 65 minutos / *Estreia comercial americana:* 13 de maio de 1933, Teatro Municipal de Bragança / *Estreia comercial portuguesa:* 16 de maio de 1934, cinemas Odéon e Palácio / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Entre o início de 1931 e o final de 1933, ou seja, em menos de três anos, William A. Wellman realizou (ou participou na realização) de dezoito (sim, 18!) filmes de longa-metragem. É o período de maior atividade da sua carreira. Cada filme era feito em cerca de dois ou três meses, com rodagens muito rápidas, por vezes de três ou quatro semanas apenas. O contrato que o vinculava à Warner Brothers assim o impunha. As histórias e a escolha dos intérpretes eram-lhe muitas vezes forçadas pelo estúdio (ainda que fosse, a pouco e pouco, estabelecendo parcerias com argumentistas, técnicos e atores). Wellman, como excelente artesão e correto tarefeiro, cumpria as obrigações dessa vertigem que caracterizou os primeiros anos da década de trinta, nesses anos pré-código. Nunca antes e nunca depois este ritmo se voltaria a repetir. Ritmo de produção, mas também ritmo narrativo. São, invariavelmente, filmes torrenciais. A ação é tomada por uma voragem de acontecimentos que arrasa qualquer espectador. **Lilly Turner** é, possivelmente, a epítome de tudo isso: uma das suas longas-metragens mais curtas (65 minutos!); aquela em que se concatenam quatro episódios que dariam, cada qual, para fazer um filme independente; deliciosamente veloz e imoral (segundo os padrões vigentes); e protagonizado pela rainha do dichote, Ruth Chatterton.

As linhas de diálogo não são ditas, são cuspidas como as balas de uma metralhadora. E isso muito se deve à personalidade elétrica (e eletrificante) de Ruth Chatterton, que interpreta a Lily do título. Este é o segundo filme de Wellman com Chatterton, depois de **Frisco Jenny**, e seria o último, ou quase. Ainda em 1933, Wellman voltaria a trabalhar com a atriz em **Female**, mas depois de terminada a rodagem e de montado o filme, o produtor Jack L. Warner assistiu a uma projeção interna e achou que o ator que fazia a contracenar, Lyle Talbot, era extraordinariamente cabotino. Todas as cenas com a sua personagem teriam de ser re-filmadas com outro ator (Johnny Mack Brown) e, como Wellman estava já noutra rodagem – o mundo não pára –, Michael Curtiz foi chamado a dirigir essas cenas, acabando por ficar com os créditos da realização. Foram três filmes rodados num intervalo de menos de um ano, três filmes que consolidaram a colaboração entre Wellman e Chatterton – relação que começou azeda, mas que se tornou numa genuína parceria de admiração mútua.

Lilly Turner foi, claramente, construído à imagem de **Frisco Jenny** (se não a mesma trama, pelo menos o mesmo tom e o mesmo arco de personagem) e são os dois primeiros filmes com “nome de mulher” na filmografia do realizador (sendo o terceiro – e último – **Roxie Hart**, com Ginger Rogers a interpretar uma variação sobre a figura e a *persona* matricial de Ruth Chatterton). Wellman não é, de maneira

nenhuma, um cineasta conhecido pelos seus *women pictures*, mas esta “trilogia” com Chatterton é bem reveladora do seu fascínio por personagens de mulheres despachadas, viperinas, frias (até por vezes calculistas), mas nunca cínicas. Aqui, o contraste é tanto mais evidente quando quase todos os homens que a rodeiam são uns trastes: trapaceiros, bígamos, assediadores, bêbados, obsessivos, lunáticos. Cercada por homens bestiais, Lily floresce – esse é, em grande medida, o grande golpe de “charlatanice” do próprio Wellman. É uma personagem-tipo recorrente no cinema norte-americano pré-código, mas Chatterton insufla-lhe uma graça respondona e aguda, cheia de frases de efeito e tiradas memoráveis (“The strong man is having a weak moment.”).

O filme adapta uma peça de teatro homónima de Philip Dunning e George Abbott que havia estreado em Nova Iorque meses antes da sua aquisição pela Warner. Estreara a 19 de setembro de 1932, no Teatro Morasco, na Broadway, e foi um autêntico fiasco: teve apenas 24 apresentações, saindo de cartaz em menos de um mês. Essa génese teatral faz-se sentir no filme pela forma como o palco se torna um dos espaços preferenciais para o desenrolar da trama: o palco do ilusionista onde Lily é a assistente que levita; o palco das dançarinas exóticas onde Lily mostra o umbigo; o palco do médico vendedor de banha da cobra onde Lily representa a “mulher perfeita” (“A perfect specimen of womanhood!”). O efeito reflexo repercute-se por todo o filme, com cada personagem a assumir o seu papel (a sua personagem-tipo). Wellman trabalha a partir dos arquétipos, mas sempre com um olhar gentil e justo. Há, em cada um destes caídos (e a queda é – por fim – enunciada no desenlace trágico) um retrato ternurento – mesmo para os pulhas, mesmo para os cafajestes. A personagem do culturista é o exemplo acabado disso: inoportuno, insistente e violento, ele reflete a inconsciência de uma masculinidade brutal, mas alheada. Inversamente, o marido bêbado é a imagem da passividade, da alienação e da incapacidade, mas também do fura vidas espertalhão. Do choque entre os dois – ou no equilíbrio entre os dois – surge o “pretende perfeito”, o taxista tornado halterofilista (espécie de somatório, ou de síntese, dos outros pretendentes).

Logo no primeiro minuto de filme já a mãe de Lilly Turner choramingava que a filha é demasiado impulsiva e que não teve ainda sequer tempo de conhecer o noivo e já se vai casar com ele. A natureza arrebatada e a impetuosidade desta personagem refletem a própria *mise en scène* de William A. Wellman. Em pouco mais de uma hora, o realizador consegue despachar uma torrente de convulsões dramáticas com a desfaçatez de um talhante. A agilidade daquela câmara e da montagem são desconcertantes. Sendo esta uma história de trapaceiros (o primeiro marido, a própria Lilly, o empresário de circo, o falso médico milagreiro...), também o filme segue a velocidade imparável do charlatão que lança cartas no passeio e aldraba os transeuntes. Não por acaso, o primeiro marido é um ilusionista. Também William A. Wellman se dá a ver como prestidigitador, desviando as atenções e arregaçando as mangas para melhor nos enganar com aqueles truques de cartas só possíveis com uma implacável destreza de mãos. Veja-se a cena do desaparecimento do primeiro marido, toda construída em montagem paralela, através de uma porta entreaberta, com o diálogo a correr em *off* e a ação a correr num silêncio absoluto. Não há tempo para respirar. Ela engravida, o marido afinal era bígamo (e não se podia ter casado com ela), ele foge, ela fica sozinha, casa de novo com um alcoólico simpático na véspera de dar à luz para, logo depois, perder a criança no parto. Tudo isto em quatro cenas e em menos de três minutos. É assoberbante. É avassalador. É arrepiante. É quase cómico. Mas faz parte da estratégia de Wellman: uma dramaturgia do excesso narrativo (e de uma certa carestia formal); uma estratégia de burlão; desviar e bloquear, focar para surpreender.